

## DESVELANDO OS FATORES QUE MOLDAM A(S) INTELIGÊNCIA(S) DE CADA ÉPOCA: UMA ANÁLISE DA VALORAÇÃO DA(S) INTELIGÊNCIA(S) PARA A SOCIEDADE OCIDENTAL

Nicolý Figueredo Pessoa de Almeida <sup>1</sup>  
Emmanoel de Almeida Rufino <sup>2</sup>

### RESUMO

Desde o princípio da civilização Ocidental os seres humanos delimitam personalidades de destaque e importância com base em determinadas características. Ao fazermos essa análise histórica surgiu para nós a necessidade de elaboração de uma pesquisa que respondesse à problemática: qual(is) o(s) fator(es) que modela(m) o tipo socialmente privilegiado de inteligência aos indivíduos requerido e celebrado pela civilização ocidental – de matriz europeia – a partir da emergência do fenômeno Revolução Industrial? Diante disso, objetivamos, portanto, identificar criticamente tanto a tipologia ideal de indivíduo inteligente definida pela cultura ocidental derivada da experiência social europeia da Revolução Industrial como as razões fundantes dessa definição. Para alcançar essa meta geral, nosso estudo se organiza a partir das seguintes etapas específicas de análise: primeiramente, identificar quais os fatores que guiaram a sociedade anterior e posterior à Revolução Industrial a fazer uma idealização da “pessoa inteligente” e torná-la um parâmetro a ser seguido, na segunda fase da pesquisa, e em seguida expor as características da(s) inteligência(s) valorizada(s) pela sociedade Ocidental, por fim, realizar uma análise de como essa idealização influencia o ensino das nossas instituições. Para atingir nosso objetivo, utilizamos como fontes bibliográficas principais as obras *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, de Nietzsche (2004), *Inteligência Um Conceito Reformulado*, de Howard Gardner (2000), *Inteligência Emocional*, de Daniel Goleman (2000), *A alegria de ensinar*, de Rubem Alves (1994). Em termos conclusivos constatamos que durante todo o processo civilizatório ocidental duas inteligências foram amplamente valorizadas: lógico-matemática e linguística devido a influências mercadológicas e sociais.

**Palavras-chave:** Inteligência, Linguística, Raciocínio, Revolução Industrial.

### INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da nossa sociedade Ocidental a humanidade elege suas figuras de destaque e representatividade. De modo mais preeminente, essa eleição pareceu privilegiar características marcantes como a oratória, o raciocínio lógico e a forma de utilizar as palavras. Se há um ponto decisivo na história do Ocidente que define quais personalidades serão valorizadas nessa civilização é a Revolução Industrial. Esse fato histórico revolucionou o

<sup>1</sup> Estudante do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFPB (Campus João Pessoa). E-mail: nicoly.almeida@academico.ifpb.edu.br;

<sup>2</sup> Doutor em Educação e Mestre em Filosofia (UFPB). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB – Campus João Pessoa). E-mail: emmanoel.rufino@ifpb.edu.br;

comércio, o consumo, a produção e a infraestrutura social na sociedade europeia, e – em vista do desenvolvimento desses elementos basilares para seu desenvolvimento – transformou o tipo de inteligência a ser valorizada pela sociedade, deixando uma identidade marcante em relação ao perfil de inteligência humana socialmente valorizada.

Diante desse cenário que nos desafia à reflexão sobre essa linha divisória na história social desvelou-se a nós a imprescindível consciência de saber que outros pensadores – sociólogos, filósofos, etc. – já analisaram a sociedade de suas épocas buscando identificar a forma como os jovens são ensinados para seguir determinada carreira e como é imposto que desenvolvam determinadas habilidades a fim de suprir diversas expectativas sociais, especialmente nos campos que entornam a economia.

Analisando algumas obras antigas e atuais, tais como *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, de Nietzsche (2004), *Inteligência Um Conceito Reformulado*, de Howard Gardner (2000), *Inteligência Emocional*, de Daniel Goleman (2000), *A alegria de ensinar*, de Rubem Alves (1994), dentre outras, e observando como esses escritores entendiam a sociedade, o ensino e a inteligência de suas épocas, surgiu – para nós – a necessidade de elaboração de uma pesquisa que, em meio à nossa curiosidade sobre quais os pressupostos são/foram costumeiramente adotados como definidores do modelo ocidental de pessoa inteligente, pensando esse processo no decorrer da história milenar dessa civilização. Para tanto, promovemos um movimento indutivo de analisar focalmente a peculiaridade de cada um dos momentos histórico-culturais do ocidente, sem cair – no entanto – no reducionismo cartesiano da especialização do olhar científico, que analisa as partes separadamente sem articular uma análise sobre as influências recíprocas dessas partes entre si. Um desses movimentos investigativos se desvela no relatório de pesquisa que constitui este artigo científico e cuja problemática assim se apresenta: qual(is) o(s) fator(es) que modela(m) o tipo socialmente privilegiado de inteligência aos indivíduos requerido e celebrado pela civilização ocidental – de matriz europeia – antes e a partir da emergência do fenômeno Revolução Industrial?

Diante disso, objetivamos, portanto, identificar criticamente tanto a tipologia ideal de indivíduo inteligente definida pela cultura ocidental derivada da experiência social europeia da Revolução Industrial como as razões fundantes dessa definição. Para alcançar essa meta geral, nosso estudo se organiza a partir das seguintes etapas específicas de análise: primeiramente, identificar quais os fatores que guiaram a sociedade a fazer uma idealização da “pessoa inteligente” e torná-la um parâmetro a ser seguido, na segunda fase da pesquisa, e em seguida

expor as características da(s) inteligência(s) valorizada(s) pela sociedade Ocidental, por fim, realizar uma análise de como essa idealização influencia o ensino das nossas instituições.

Muitos são os elementos que justificam a importância de um estudo como o que aqui propomos, como a tomada de consciência sobre como e por que cotidianamente consideramos alguém inteligente (já que muitas vezes não sabemos o que isso significa e quais as influências sociais que nos levam a abraçar o modelo vigente de ser humano inteligente). Diante disso, nossa pesquisa se desvela como uma forma de levar as pessoas a entenderem como seu ideal de inteligência é moldado por fatores que lhes são externos.

## **METODOLOGIA**

A realização da nossa pesquisa assume uma tipologia teórica em sua base investigativa, justificando o uso que faremos de materiais bibliográficos. Tendo em vista os objetivos específicos que delimitamos, organizaremos as estratégias metodológicas de nosso estudo bibliográfico da seguinte maneira: num primeiro momento, diante do desafio de quais os fatores que guiaram a sociedade a fazer uma idealização da “pessoa inteligente” e torná-la um parâmetro a ser seguido, faremos uso das obras supracitadas considerando que elas transparecem diversas informações e análises sociais que servirão de base para entendermos como a sociedade determina a inteligência a ser valorizada. Na segunda etapa de nossa pesquisa, na tentativa de expor as características da(s) inteligência(s) valorizada(s) pela sociedade Ocidental, decidimos fazer uso das obras: optamos por investigar a obra *Inteligência Um Conceito Reformulado* (2000) e *Inteligência Emocional* (2000), considerando que elas explicam como Howard Gardner Daniel Goleman entendem o que é(são) inteligência(s) e de que forma elas são estimuladas na sociedade. Por fim, visando identificar como a idealização da inteligência influencia o ensino das nossas instituições, iremos estudar as obras: *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* (2004) e *A alegria de ensinar* (1994), por elas exporem uma análise de como os pensadores analisavam os estabelecimentos de ensino de suas épocas e suas perspectivas para o futuro.

## **DESENVOLVIMENTO**

Howard Gardner desenvolveu – em 1983 – a Teoria das Inteligências Múltiplas. Essa teoria ofereceu um contraponto ao paradigma da inteligência única, muito difundida nos

entornos da década de 80. Propondo que a vida humana requer o desenvolvimento de vários tipos de inteligências, o conceito de inteligência a princípio definido por Howard Gardner (1995, p. 21) se traduz como: “a habilidade para resolver problemas ou criar produtos valorizados em um ou mais cenários culturais”, entretanto, revisitando sua teoria Howard (2000, p. 47) realiza uma reestruturação do seu conceito, desvelando-o como: “um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura”. Vale-se ressaltar a importância da alteração nesse conceito, pois a partir dela passamos a compreender a inteligência não como objeto pronto, mas como um potencial.

Diante dessa exposição conceitual, o autor destaca a existência de sete inteligências irrefutáveis: linguística, lógico-matemática, físico-cinestésica, espacial, musical, interpessoal e intrapessoal.

A inteligência linguística “envolve sensibilidade para a língua falada e escrita, a habilidade de aprender línguas e a capacidade de usar a língua para atingir certos objetivos” (GARDNER, 2000, p. 56). A inteligência lógico-matemática “envolve a capacidade de analisar problemas com lógica, de realizar operações matemáticas e investigar questões cientificamente” (Ibid., p. 56). A inteligência físico-sinestésica “acarreta o potencial de se usar o corpo (como a mão ou a boca) para resolver problemas ou fabricar produtos” (Ibid., p. 57). A inteligência espacial:

Tem o potencial de reconhecer e manipular os padrões do espaço (aqueles usados, por exemplo, por navegadores e pilotos) bem como os padrões de áreas mais confinadas (como os que são importantes para escultores, cirurgiões, jogadores de xadrez, artistas gráficos ou arquitetos). (Ibid., p. 57).

A inteligência musical “acarreta habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões musicais”. Ela “tem uma estrutura quase paralela à da inteligência linguística, e não faz sentido científica nem logicamente chamar uma de inteligência (em geral linguística) e a outra (em geral a musical) de talento” (Ibid., p. 57). A inteligência interpessoal:

Denota a capacidade de entender as intenções, as motivações e os desejos do próximo e, conseqüentemente, de trabalhar de modo eficiente com terceiros. Vendedores, professores, clínicos, líderes religiosos, líderes políticos e atores precisam ter uma inteligência interpessoal aguda. (Ibid., p. 58).

A inteligência intrapessoal “envolve a capacidade de a pessoa se conhecer, de ter um modelo individual de trabalho eficiente – incluindo aí os próprios desejos, medos e capacidades – e de usar essas informações com eficiência para regular a própria vida” (Ibid., p. 58).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

## Capítulo 1: À idealização da pessoa inteligente segundo a sociedade Ocidental

A fim de discutirmos como a Sociedade Ocidental, após a Revolução Industrial, idealiza a “pessoa inteligente” e torna-a um parâmetro a ser seguido, analisaremos aqui que fatores contribuíram para isso. É interessante, a princípio, entendermos que não foi apenas após a Revolução Industrial que as pessoas passaram a valorizar determinada inteligência, desde os gregos já possuímos registros de como para aquela sociedade determinadas inteligências eram fundamentais.

No livro *Dialética do Esclarecimento* (1947), Adorno e Horkheimer analisam obras homéricas evidenciando que o poeta tece diversos versos exaltando Odisseu como herói, devido a sua astúcia e esperteza para lidar com os problemas que são lançados ao seu destino enquanto este tenta retornar para sua cidade Ítaca. Com base nisso podemos identificar que desde a época dos mitos a civilização greco-romana já valorizava o raciocínio lógico e como o mito era uma forma de ensinar aos jovens como agir, é evidente que para aquela sociedade estes jovens deveriam seguir o exemplo do herói e utilizar da racionalidade (lógica-matemática) para resolver os problemas e empecilhos que aparecessem em seu caminho. Podemos comprovar isso no trecho:

O recurso do eu para sair vencedor das aventuras, perder-se para se conservar, é a astúcia. [...] Ao calcular seu próprio sacrifício, ele efectua a negação da potência a que se destina esse sacrifício. Ele recupera assim a vida que deixara entregue. Mas o logro, a astúcia e a racionalidade não se opõem simplesmente ao arcaísmo do sacrifício. (ADORNO, 1947; HORKHEIMER, 1947, p. 25).

Analisando ainda o que podemos extrair dos mitos sobre a forma como aquela sociedade determinava seu parâmetro de herói (inteligência, exemplo) a ser seguido, é possível identificar ainda na viagem de Ulisses como a habilidade de utilização das palavras salva-o por diversas vezes, tal como em seu confronto com o ciclope Polifemo. Foi necessário aliar a astúcia e a linguística para que conseguisse escapar. Podemos então identificar que para os greco-romanos a inteligência linguística era imprescindível. É possível justificar essas afirmações a partir da análise:

“A astúcia, contudo, consiste em explorar a distinção, agarrando-se à palavra, para modificar a coisa. [...] Surge assim a consciência da intenção: premido pela necessidade, Ulisses se apercebe do dualismo, ao descobrir que a palavra idêntica pode significar coisas diferentes. Como o nome Odisseu pode ser atribuído tanto ao herói quanto a ninguém, Ulisses consegue romper o encanto do nome. As palavras imutáveis permanecem fórmulas para o contexto inexorável da natureza. (ADORNO, 1947; HORKHEIMER, 1947, p. 30).



Com o passar dos séculos podemos identificar que a civilização greco-romana passa a valorizar com maior ênfase aqueles que dominam a inteligência linguística, que sabem utilizar as palavras e através delas tecer questionamentos e buscar soluções para os problemas que se apresentavam. Podemos verificar isso ao avaliar como os poetas e filósofos eram exaltados e utilizados como fonte de conhecimento para os mais jovens, ou até mesmo identificando como por vezes estes ocupavam cargos de status na sociedade tal como Aristóteles que foi tutor de Alexandre O Grande, ou como toda corte tinha imprescindivelmente um poeta para declamar sobre seus reinados.

Ao longo da história temos cada vez mais a ênfase e o apelo social de valorização a inteligência linguística, na literatura, por exemplo, a língua é mutável para acompanhar as mudanças sociais. A cada transformação social, ocorre uma mudança de escola literária onde inclusive cada nova escola irá negar os princípios da sua antecessora. Para exprimir com maior clareza como isso ocorre, vamos fazer um recorte histórico.

Observemos que a Europa após a Revolução Francesa que foi a quebra do modelo de dominação absolutista, além de ser influenciada pelos ideais renascentistas necessitava de novas formas de governo e possuía novos ideais. A partir disso, os intelectuais e linguistas da época deram início ao romantismo que visava negar toda a tradição clássica, era uma completa quebra com o passado. Durante essa fase os postos de grande importância em diversos países passaram a ser ocupados pelos poetas da época.

Com base no que foi exposto até aqui é visível que sociedades antigas definiram um parâmetro de personalidade a ser seguida por todos os cidadãos e qual habilidade (inteligência) deveria ser valorizada. Dando sequência a nossa análise histórica, nos deparamos com um dos marcos divisórios da inovação da organização social: a Revolução Industrial. A Revolução Industrial transforma as relações trabalho, a organização e disposição social (urbana), o ambiente, o modo de produção (capitalista), às concepções e valorizações sociais.

A partir da Revolução Industrial, o Ocidente passa por diversas transformações especialmente no que diz respeito a especialização do trabalho. Agora não é mais necessário que o trabalhador conheça todas as etapas da produção, basta apenas que se especialize em uma delas. Essa especialização reflete diretamente na forma como a sociedade idealiza a “pessoa inteligente” da época. Afinal é necessário que o modelo a ser seguido seja o daqueles que conseguem focar em apenas uma determinada área e tornar-se especialista nela. Essa divisão

(especialização) do trabalho se encontra formulada por Adam Smith no seguinte fragmento textual:

Se, porém, tivessem trabalhado independentemente um do outro, e sem que nenhum deles tivesse sido treinado para esse ramo de atividade, certamente cada um deles não teria conseguido fabricar 20 alfinetes por dia, e Talvez nem mesmo um, ou seja: com certeza não conseguiria produzir a 240 partes, e talvez nem mesmo a 4.800 5 partes daquilo que hoje são capazes de produzir, em virtude de uma adequada divisão do trabalho e combinação de suas diferentes operações. (SMITH, 1994, p. 42).

Em uma fase da história social onde o lucro passa a ser o motor da sociedade, o óleo desse motor tornam-se as inovações tecnológicas. Sendo assim, começa uma desenfreada necessidade de especialistas, cientistas e desenvolvedores. A sociedade passa então a valorizar cada vez mais aqueles que dominam as habilidades voltadas para o impulsionamento industrial e nesse sentido aqueles que possuem certa inteligência lógico-matemática.

Não por acaso essas pessoas passaram a ser o referencial de “inteligência”, afinal eram elas que estavam fazendo a economia circular. Também recebiam melhores salários e status social. Nos últimos séculos ainda predomina em nossa sociedade essa concepção da “pessoa inteligente” ligada a inteligência lógico matemática, afinal seria alguém capaz de resolver problemas, prever cenários comerciais e manter as contas equilibradas. É possível validar essas informações com base no trecho:

Nos últimos séculos, sobretudo nas sociedades Ocidentais difundiu-se um ideal: o da *pessoa inteligente*. [...] Num cenário empresarial, inteligente era quem previa oportunidades comerciais, assumia riscos calculados, construía uma organização, mantendo as contas equilibradas e os acionistas satisfeitos. [...] Ao aproximar-se a virada do milênio, porém, dois novos virtuosos intelectuais passaram a ser altamente valorizados: o “analista de símbolos” e o “mestre da mudança”. O analista de símbolos é capaz de passar horas sentado diante de uma sequência de números e palavras, em geral exibidas numa tela de computador, e rapidamente encontrar sentido neste emaranhado de símbolos. Ele pode então fazer projeções confiáveis e úteis. Um mestre da mudança rapidamente adquire novas informações, soluciona problemas, mantém “vínculos fracos” com pessoas versáteis e extremamente dispersas, e adapta-se facilmente a situações novas. (GARDNER, 2000, p. 11).

## **Capítulo 2: Características da(s) inteligência(s) valorizada(s) pela sociedade Ocidental**

Com base nas constatações que fizemos no primeiro capítulo, foi possível identificar que durante a história da civilização Ocidental duas inteligências foram amplamente valorizadas e difundidas: a lógico-matemática e a linguística.

A inteligência lógico-matemática se caracteriza pela resolução de problemas científicos e de lógica e da capacidade de encontrar soluções através da racionalidade. É

inteligência explorada pelos matemáticos, engenheiros, lógicos e cientistas. Essas afirmações se comprovam no fragmento: “envolve a capacidade de analisar problemas com lógica, de realizar operações matemáticas e investigar questões cientificamente” (GARDNER, 2000, p. 56).

A inteligência linguística é traduzida pela habilidade de aprender novas línguas e a utilizar para alcançar determinadas finalidades. É amplamente utilizada por advogados, locutores, escritores e poetas. Baseamos essa análise no trecho: “envolve sensibilidade para a língua falada e escrita, a habilidade de aprender línguas e a capacidade de usar a língua para atingir certos objetivos” (GARDNER, 2000, p. 56).

Ao caracterizar essas inteligências é passível de nos perguntarmos por que as civilizações não valorizam/valorizaram inteligências pessoais como a intrapessoal e a interpessoal (?). Ou até mesmo a inteligência emocional (?), classificada como:

a capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos percalços; de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; de ser empático e autoconfiante. (GOLEMAN, 2011, p. 58).

Podemos considerar que é porque essas inteligências na visão tecnicista de nossas sociedades, não geram lucro ou incentivam o consumo. Mas nos ajudam a identificar, porque pessoas consideradas inteligentes por muitas vezes agem de maneira irracional.

### **Capítulo 3: Da idealização da inteligência à influencia no ensino das nossas instituições**

Ao analisarmos as civilizações Ocidentais e percebermos qual o ideal de “pessoa inteligente” a ser valorizado por elas foi possível identificar como essa idealização torna-se um parâmetro, exemplo a ser copiado e transmitido em nossos estabelecimentos de ensino.

No livro *A alegria de ensinar* (1994), Rubem Alves escreve o conto “Sobre Vacas e Moedores”, onde através de uma história analógica nos leva a refletir sobre as nossas escolas e seu funcionamento. Para que estamos educando nossas crianças? Para aprender e inovar ou para continuar a ouvir e absorver tudo o que já foi estudado?

Atualmente vivemos em uma era tecnicista e cartesiana, onde nossos estudantes não são mais incentivados a terem ideias próprias e aprenderem de forma multidisciplinar. Nós



estamos apenas fazendo que nossos jovens repliquem o que já foi inventado e testado, os criamos para que no futuro ocupem cargos de “status social” e dizemos que apenas assim conseguirão sobreviver no mundo capitalista: consumindo e trabalhando visando o lucro e não o amor pela profissão. Podemos comprovar isso no trecho:

Meditei sobre o destino das vacas. Fiquei poeta. A gente fica poeta quando olha para uma coisa e vê outra. É isto que tem o nome de metáfora. Olhei para a carne cortada, o moedor, os rolinhos e vi uma outra: escolas! Assim são as escolas... As crianças são seres oníricos, seus pensamentos têm asas. Sonham sonhos de alegria. Querem brincar. Como as vacas de olhos mansos são belas, mas inúteis. E a sociedade não tolera a inutilidade. Tudo tem de ser transformado em lucro. Como as vacas, elas têm de passar pelo moedor de carne. Pelos discos furados, as redes curriculares, seus corpos e pensamentos vão passando. Todas estão transformadas numa pasta homogênea. Estão preparadas para se tornar socialmente úteis. (ALVES, 1994, p. 34).

Nessa tentativa social de fazer com que todos atinjam o padrão de “inteligência” pré-definido estamos colocando nossas crianças em uma esteira de fábrica *Fordista* e os anos escolares? São as etapas de produção, durante o processo os defeituosos desistem (são eliminados) até que ao final apenas aqueles que com afinco decoraram as respostas prontas e viraram noites em claro memorizando-as chegaram a concluir e assumir os cargos “importantes” da nossa sociedade, comprovamos isso no trecho:

“Hoje, quando escrevo, os jovens estão indo para os vestibulares. O moedor foi ligado. Dentro de alguns anos estarão formados. Serão profissionais. E o que é um profissional se não um corpo que sonhava e que foi transformado em ferramenta? As ferramentas são úteis. Necessárias. Mas – que pena – não sabem sonhar...”. (ALVES, 1994, p. 34).

Na conferência de Nietzsche *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*, o pensador descreve uma conversa entre um filósofo e seu discípulo (um professor). O professor abandonou a sala de aula e explica o porquê disso ao filósofo ao transmitir sua angústia perante as instituições de ensino, que estavam ensinando apenas visando que os jovens no futuro consigam lucrar, podemos comprovar isso no fragmento textual:

Temos aqui, como objetivo e fim da cultura a utilidade, ou, mais exatamente, o lucro, o maior ganho de dinheiro possível. Do ponto de vista dessa tendência, a cultura deve mais ou menos ser definida como discernimento graças ao qual alguém se mantém ‘no cume de sua época’, graças ao qual se conhece todos os caminhos que permitem mais facilmente ganhar dinheiro... (NIETZSCHE, 2004, p. 61).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, identificamos a organização social influencia diretamente no tipo de inteligência que será valorizada. Na época anterior a escrita, as histórias faladas (mitos) já eram uma forma de parametrar na sociedade que o “ser inteligente” teria habilidades

linguísticas e lógico-matemáticas. No decorrer do tempo, com a invenção da escrita a inteligência linguística ganha ênfase e concede àqueles que a dominam status e posições sociais.

Com a Revolução Industrial e as mudanças na estrutura social, especialização do trabalho, necessidade de inovação tecnológica temos a inteligência lógico-matemática como foco central da sociedade. É quando começam a surgir profissões como: matemáticos, cientistas, engenheiros. Profissões estas, que até hoje possuem destaque diferenciado em nossa sociedade.

Entretanto, esses dados que identificamos tornam-se preocupantes ao avaliarmos sua influência nas nossas instituições educacionais. Visando posições e destaques sociais, acabamos por transformas nossas escolas em fábricas Fordistas, afinal já dizia Carl Jung: “todos nós nascemos originais e morremos cópias<sup>3</sup>”, e a reflexão que fica é o quanto nosso ensino influencia para esse destino. É perceptível a forma como estamos em uma sociedade voltada para o lucro quando dizemos a nossas crianças “vá para a escola para se tornar alguém”, ou seja quer dizer que ela só “será alguém” se conseguir atingir notas em testes que muito mais conseguem medir a capacidade de memorização do que a inteligência.

Este trabalho identifica que estamos assassinando a criatividade de nossos jovens fazendo-os perder a vida tentando ganhá-la, cortamos seus sonhos desde as primeiras fazes ao dizê-los de que cor devem pintar o desenho ou que o correto é escrever na linha e não fora dela. Criamos regras e padrões e dizemos que eles conquistarão seus sonhos caso os sigam, mas alguma vez perguntamos a eles quais são seus reais sonhos? Não damos aos jovens espaço para se expressarem, inovarem, errarem e aprenderem. Dizemos a eles para estudar para ganhar dinheiro e não por amor. Nunca perguntamos o que eles querem, como diz Neil deGrasse Tyson: “Passamos o primeiro ano de vida de uma criança ensinado-a a andar e falar, mas o resto de sua vida a se calar e se sentar. Tem alguma coisa errada aí.<sup>4</sup>”.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Frankfurt am Main: 1969.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

---

<sup>3</sup> Link: <https://osegredo.com.br/carl-jung-disse-todos-nos-nascemos-originais-e-morremos-copias/>

<sup>4</sup> Link: <https://osegredo.com.br/carl-jung-disse-todos-nos-nascemos-originais-e-morremos-copias/>

GARDNER, Howard. **Inteligência Um conceito Reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre Educação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.

O SEGREDO. **Carl Jung disse: Todos nós nascemos originais e morremos cópias**.

Disponível em: <<https://osegredo.com.br/carl-jung-disse-todos-nos-nascemos-originais-e-morremos-copias/>> Acesso em: 23 de agosto de 2019.

PENSADOR. **Neil deGrasse Tyson: Passamos o primeiro ano de vida de uma...**

Disponível em: <https://osegredo.com.br/carl-jung-disse-todos-nos-nascemos-originais-e-morremos-copias/>

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.